

IV RELATO DAS DINÂMICAS DE GRUPO

1ª SESSÃO - 30/03/82

Hincirinho, Carlos Alberto, João de Oliveira, Joel Botelho, Manoel Santana, João Antonio, Luiz Carlos, Wanderlei, Sebastião, Silvano, José de Silarina, Renato, João da Comeração.

Esta foi a nossa primeira sessão em grupo e como podemos imaginar, existia nos olhos de cada um, uma diversidade de questionamentos sobre "aquela louca que estava ali sentada". Após minha apresentação e dos demais, perguntei ao grupo sobre suas fantasias em relação aquele trabalho.

"Aqui a gente vai saber de nossa situação, de nossos processos"

"A senhora vai nos ajudar a desenhar"

"Vamos falar da Clínica"

"Vamos cantar"

etc...

Em todas as respostas existia um elemento comum - A NECESSIDADE DE AJUDA.

Quando perguntei ao grupo em que data nós nos encontramos, associativamente, falaram sobre a inutilidade de um calendário ali na Clínica e a partir daí, pude perceber o desejo de algum referencial naquele mundo, onde os dias, as semanas e as horas praticamente eram inexistentes, não só devido as doenças, mas também ao efeito inibidor da própria instituição.

A impossibilidade do calendário veio logo em seguida:



"Os internos de la de fora, detona, entram aqui e roubam tudo. Não adiante, aqui agente não pode ter medo."

A multiplicidade de significados destas e de outras respostas me fizeram trabalhar a dificuldade de guardar coisas boas e os mecanismos de projeção. Imediatamente alguns se levantaram, outros pediam para ir ao banheiro ou beber água, demonstrando o quanto estavam mobilizados.

A reação inconsciente do grupo, como recurso defensivo frente a esta mobilização foi proferir em unânime, um intenso sono, o que inconscientemente me fez terminar aquela dinâmica dez minutos antes.

Foi uma vivência muito difícil durante alguns momentos, sem infelizmente ter desenvolvido isso ao grupo.

Nessa época, Renato, um dos monitores da Eltonia, nas primeiras sessões me auxiliava antes e depois do grupo. Nesse dia percebia-se em suas atitudes uma identificação comigo.

No final da dinâmica, durante o fechamento, sintetizei tudo o que havia sido discutido e vivenciado, e combinou-se que seria trazido da próxima vez um calendário.

Nesta sessão, a estimulação para a atividade verbal (respostas e perguntas), foi basicamente do discurso do terapeuta, demonstrando a todo instante, uma premente indiferença.

João Maria de Carvalho de Jesus



2º debate  
Quinzenal

06/04/82

Sebastião Arcanjo, Afonso, Joel Soares 34  
João da Comédia, João Antônio, Luis  
Carlos, João de Oliveira, Sebastião José,  
Carlos. 06/04/82

A presença do calendário fez com que aumentasse a participação entre os pacientes.

Foi interessante quando aquele papel ao passar de mão em mão (com alguns tive de deixá-lo em suas mãos, o que me fez pensar sobre a necessidade de contato), teve como consequência a rejeição.

"Ah! Não consigo enxergar".

"As letras são muito pequenas"

etc...

Trabalhei sobre o quanto era preferível a doença, à noção de tempo, de limites, enfim, a dificuldade de abrir um espaço para a saúde.

Retornei, também, a discussão sobre o sonho, isto é, o quanto aquele calendário não iria ficar ali por muito tempo. Mas desta vez, a projeção da culpa permaneceu no próprio grupo.

"Existem pessoas na Clínica que arrancam e destroem tudo que fica pendurado aqui"

"Tem pacientes aqui muito deentes"

"Esses molequeinhos não têm responsabilidade"

Nesse meu tempo, o Bentinho embora e o Renato, como se fosse o dono daquele espaço, tentou expulsá-lo. Imediatamente tive de intervir, porque o início de uma briga começava a apontar. Esse evento foi lamenteado ao grupo e depois de algum tempo puderam perceber a comunica-



com agressiva que se envolvia reciprocamente.  
Com isso surgiram os apelidos, o gírio ou  
mão desses outros nomes.

Por exemplo, Luiz Carlos, relatou o seu (130  
"PA NEGRA"), e com muita sinceridade disse não  
gostava de ser assim chamado. A partir daí, re-  
ferenci a existência de seu nome, há muito esqueci-  
do, bem como, a inadequação de proferências ver-  
bais ou gestuais entre eles. Novamente trabalhei aqui  
a negação da doença, em outras palavras, sempre é o  
outro que está doente, que é "MALUCO", mas sempre  
sempre o "SAOS".

Mais uma vez, senti aquele mesmo sono.  
Forn, o devolvi ao grupo dizendo-lhes o quanto de-  
ria ser difícil pensarem sobre tudo aquilo que está-  
mo falando e como única saída produzirem-no  
em comum, a fim, de não mais mexer nessas coisas  
fao "desagradáveis" como o roubo, os apelidos, as agres-  
sões.

Jonia Paiva C. Paiva



3ª sessão 10/04/82 Gentil, Seu Elizeu  
Mameel Santana, Claudiomor,  
Mimeyinho, Castelo, Luiz Carlos, Renato, João de Oliveira, Jerson

Após essas duas sessões resolvemos passar para o campo, ambiente mais amplo, claro e fundamentalmente, fora da Clínica. Alguns pacientes relatarem em deixar aquele ambiente, pois ele significa um continente para seu apego a doença e, portanto, uma proteção para tudo que possa girar ao redor do desconhecido.

Nesta sessão, foi escolhido a atividade de desenho criativo.

Todos puderam apresentar seus desenhos, e responder as perguntas elaboradas pelos companheiros do grupo.

O desenho do Claudiomor foi uma árvore frutífera (pé de laranja), que foi e ainda está sendo cultivada. Relatou também, que foi plantada por ele mesmo e que possui muito boas condições de sobrevivência aqui no manicômio, lugar onde ela se encontra. Duas laranjas são de qualidade azeda, própria para suco de laranja.

Jerson desenhou uma jacuiz, próxima a seu antigo barraco, onde morou com sua falecida mulher. Disse que sua esposa era viciada (aleool? drogas?) e que juntos haviam se plantado e cultivado. Discorreu sobre sua vida familiar, seus dois filhos e sobre sua atividade profissional.

Luiz Carlos produziu um foguete.

"E, ele também pode ser chamado de BOMBA. Este chocado e vai para qualquer lugar, como, por exemplo, Paraíba. Este foi feito em Los Angeles



Os ratos é que são dentro dele. Ora, ele saiu de minha cabeça. Se não estivesse chagado não vineria. Mas essa bomba é só para o estudo. Doença não se controla".

No final dos sessenta minutos combi-  
namos dar continuidade na próxima sessão.

João Paulo P. P. P.

4ª sessão

20/04/82

Mineirinho, Manoel Santana, Claudenor, Agatinho,  
João de Oliveira, Joel, Luis Carlos, Carlinhos,  
Jerson, João Antonio, Antonio Barbosa, Gênil, Saulzinho

19  
Iniciamos com a pergunta sobre quem é  
o novo elemento integrante do grupo e logo em  
seguida, este pode se apresentar (nome todo, idade,  
profissão e motivo do dolo).

Mineirinho, dando continuidade ao tra-  
balho anterior, falou sobre o seu pingüim,  
o que ele mais gostava de fazer, comer, bem  
como, o local de sua moradia.

João de Oliveira mostrou a seleção de  
futebol e como os jogadores estavam sem cabe-  
ças, alguns pacientes lhe inquiriram sobre esse  
lapso. Assim lhe perguntaram:

"Cadê as cabeças? Como é que eles vão  
jogar a bola, se não têm olhos?"

Esse questionamento fez o João acres-  
centar as respectivas cabeças, olhos, narizes  
e bocas.

Após esse debate, a maior parte do



grupo pediu para completar os desenhos, exceto Joel, Luiz Carlos e João Antonio, que preferiram conversar sobre algum assunto.

A ambivalência sobre <sup>a doença</sup> visto ~~em~~ <sup>de</sup> aspectos positivos e negativos, assim como, os respectivos sentimentos em relação ao convívio com os companheiros da Clínica, foi um tema muito discutido. Pode perceber que Luiz Carlos, apesar de seus delírios, possuía bons insights e objetividade, consequentemente, indicação para um atendimento individual com satisfatórias possibilidades para um resultado exitoso.

Finalmente pudemos terminar com o relato individual de cada desenho, passando, logo em seguida, para a avaliação desta atividade.

Sônia Marie Pufave

5ª sessão

27/04/82

Ameirimho, Luiz Carlos, Sebastião, João de Oliveira, Adelson, Carlos, Wanderlei, Antonio da Silva, Claudionor, João Antonio, Agostinho, Gentil, Seu Elzeu

A dificuldade de irmos para o campo, não só pela demora de aguardar para nos acompanharem, mas também, pela dificuldade de chamar os pacientes, dispêndios por todos os locais do manicômio, nos fizeram eleger um representante do grupo. Através de uma votação,